


Novamente a Casa caiu: critérios de intervenção e narrativas sobre o uso da Casa da Feitoria

Ana Lúcia Goelzer Meira

Universidade Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-8985-8892>

E-mail: gmeira@unisinors.br

Resumo: A trajetória da antiga Casa da Feitoria Velha, hoje Casa do Imigrante, em São Leopoldo (RS), apresenta relações com as culturas afrodescendente e teuto-brasileira e, também, com as suas materialidades ao longo do tempo. A Feitoria contava com mão de obra escrava e foi desativada em 1824, ano em que chegaram os primeiros imigrantes alemães, que foram ali alojados. O tombamento em nível nacional foi proposto em 1937. A propriedade passou à Prefeitura Municipal e o arquiteto alemão, Theo Wiederspahn, contratado para realizar a obra de recuperação, foi acusado de ter transformado a casa luso-brasileira original em uma casa de enxaimel alemã. Em abril de 2019, a Casa desabou novamente, retornando à situação de quase oitenta anos atrás. Urge discutir os critérios de intervenção e as narrativas que a Casa vai representar. Escravidão e imigração tiveram-na como cenário, o que torna a Casa um lugar emblemático e representativo da realidade brasileira.

Palavras-chave: Casa da Feitoria; Casa do Imigrante; Enxaimel; Reconstrução.

270

The House fell apart again: intervention criteria and narratives on the use of the Casa da Feitoria

Abstract: The history of the former “Casa da Feitoria Velha”, currently “Casa do Imigrante”, in São Leopoldo (Rio Grande do Sul) is related to Afrodescendant and German-Brazilian cultures, as well as to their symbolic images over time. The Factory exploited slave labor and was deactivated in 1824, when the first German immigrants arrived and were settled in the trading center. The nationwide landmarking was proposed in 1937 and the City Hall assumed the asset. The German architect Theo Wiederspahn was hired to carry out the recovery works. He supposedly transformed the original Luso-Brazilian house into a German timber framed house. In April 2019, the House collapsed again, returning to the same situation of almost eighty years ago. It is urgent to discuss the intervention criteria and the narratives to be represented by the House. It was a scenario of slavery and immigration, which makes the House an emblematic place that represents the Brazilian reality.

Keywords: Casa da Feitoria; Casa do Imigrante; Timber framing; Reconstruction.

Texto recebido em: 30/04/2019

Texto aprovado em: 16/05/2020

Apresentação

Em 2017, desenvolveu-se uma pesquisa sobre a Casa do Colono Alemão que, na sua origem, era sede da antiga Feitoria imperial do Linho Cânhamo, conhecida como Casa da Feitoria Velha (MEIRA; CORÁ, 2017). O objetivo foi compreender o suposto projeto de transformação da casa luso-brasileira, sede da antiga Feitoria, em uma casa de “enxaimel” – o tradicional sistema construtivo introduzido pelos imigrantes alemães no Brasil. Essa “enxaimelização”, como é muitas vezes chamada, pejorativamente, teria sido realizada para homenagear simbolicamente os primeiros imigrantes que chegaram ao Rio Grande do Sul, em 1824, e que ficaram hospedados naquele espaço. O projeto da intervenção foi realizado pelo mais importante arquiteto que atuou no Rio Grande do Sul, nas primeiras décadas do século XX: o alemão Theo Wiederspahn.

Passaram-se dois anos e continuaram as reflexões sobre a Casa. Recentemente, houve o desabamento de uma parte significativa da edificação, justamente a parte que havia desabado há cerca de oito décadas atrás, fato que conduziu à necessidade de aprofundar as pesquisas com o objetivo de embasar o estabelecimento de critérios para um novo projeto de restauração.

Essa discussão envolve também a questão dos usos dos espaços da Casa. Nos últimos anos, observamos a necessidade de garantir os avanços na democratização das políticas públicas de preservação, justamente num período em que ocorre o enfraquecimento, em muitas instâncias, das estruturas e das políticas voltadas ao patrimônio cultural brasileiro. Especialmente no que se refere ao patrimônio cultural afro-brasileiro, caso analisado por Tanno (2018), fundamental para compor o “mosaico cultural” brasileiro, ainda muito precisa ser efetivado. A destinação da Casa da antiga Feitoria, hoje, mais uma vez, abandonada, diz respeito a esse tema da valorização da diversidade cultural e ao direito à memória de distintos grupos sociais. Para isso, foram aprofundadas as pesquisas em fontes bibliográficas que se referem aos usos pretendidos e implantados na Casa desde a sua origem.

No Brasil, a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN)¹, e da lei federal de tombamento, por meio do Decreto-Lei nº 25 (BRASIL, 1937), explicitaram a importância do patrimônio cultural para construção da identidade nacional, que era estratégica para o Estado Novo.² A Constituição de 1937 buscou uma união dos estados, instituindo uma bandeira, um hino e um

brasão, e rechaçando os símbolos estaduais. Isso teve um impacto muito forte no Rio Grande do Sul, onde nas áreas de imigração alemã e italiana, a comunicação ocorria em dialeto. Até nas escolas não se falava o português.

As perseguições aos imigrantes, que se agravaram com a Segunda Guerra Mundial, deixaram traumas profundos na população. A preservação da antiga Casa da Feitoria Velha, hoje Casa do Imigrante ou Casa do Colono Alemão, que pertence ao Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, em São Leopoldo, insere-se nesse contexto. Trata-se de um dos primeiros bens culturais arquitetônicos propostos para tombamento em nível nacional no país.

A Casa original

A antiga Casa da Feitoria Velha, representativa da arquitetura luso-brasileira, foi construída para ser sede da Real Feitoria do Linho Cânhamo, empreendimento da Coroa portuguesa. Transferida de Canguçu para as margens do Rio dos Sinos, em 1788, produzia fibras para confecção do linho e cordas para navios. Com a independência, passou a ser propriedade da Coroa Imperial. Segundo Johann (2010), devido ao fato de o proprietário estar longe, no Rio de Janeiro, os negros escravizados que trabalhavam no empreendimento puderam usufruir de relativa autonomia, e somavam trezentos e vinte e quatro no final do empreendimento. A desativação da Feitoria ocorreu em 1824, e neste mesmo ano, chegaram os primeiros imigrantes alemães ao Rio Grande do Sul.³ A edificação luso-brasileira estava sem uso devido à desativação da Feitoria e foi usada como abrigo para as famílias recém-chegadas.

Segundo informação publicada no jornal *Correio do Povo* (O CENTENÁRIO, 1924), o “Armazém chamado dos Theares” foi considerado o mais propício para o estabelecimento dos trinta e oito imigrantes. Essa informação é referida em outra bibliografia, permitindo constatar que não se tratava de uma residência, mas de uma edificação relacionada com a função produtiva da Feitoria e, portanto, com o trabalho escravo (EGGERS, 2012).

Na reportagem sobre os cem anos da imigração publicada no *Correio do Povo*, pode-se aferir a extensão das comemorações, que tiveram o ápice na Feitoria Velha, para onde se dirigiram moradores e visitantes portando estandartes e guiados por bandas de músicas. Ao chegar o cortejo ao “prédio onde foram alojados,

há 100 anos, os primeiros imigrantes, indescritível foi o entusiasmo do povo, que prorrompeu em aclamações à colônia alemã, ao Brasil e à Alemanha”. (O CENTENÁRIO, 1924). Há uma nota, na reportagem, sobre a aquisição do imóvel pela Prefeitura Municipal, “que o conservará como relíquia histórica”.

No entanto, passar-se-ão quinze anos até que a compra se efetivasse. Segundo Muller (1979), ali foram rezados, pelos imigrantes, os primeiros cultos oficiais da religião luterana no Brasil. Para Dreher (2011) o fato da casa ter servido como o primeiro templo religioso da fé luterana é um marco da liberdade religiosa e, portando, dos direitos humanos no Brasil. Esse período da história da Casa é identificado por meio de uma placa de mármore, escrita em alemão. Pereira (2011) relata que um dos principais divertimentos da sociedade local, no final do século XIX e início do século XX, eram os circuitos de caminhadas, e sabe-se que a “venerável casa dos imigrantes” era um destino apreciado.

A Casa do imigrante

Após esse período como barracão dos imigrantes, a Casa passou à propriedade privada e, com o passar dos anos, foi se deteriorando. Na época das comemorações dos 120 anos da imigração, a Casa foi homenageada pela comunidade teuto-brasileira como símbolo de suas origens germânicas e sua imagem ficou definitivamente associada ao tema. O dia 25 de julho, em que chegaram a São Leopoldo (e foram abrigados na Casa), passou a ser feriado estadual e motivo de celebração e, em 1968, foi instituído como Dia Nacional do Colono. Quando os imigrantes chegaram, a Alemanha ainda não fora unificada, razão pela qual não é exato denominá-los de alemães. Além disso, segundo Schulze (2017), a ideia do imigrante alemão é fictícia, pois eles não possuíam cidadania do país de origem e havia uma grande diversidade de culturas sob esse rótulo.

Enquanto a elite se interessava pela criação de uma cultura homogênea alemã e pela preservação da língua e dos dialetos alemães, fundando escolas, igrejas, jornais e associações, as camadas camponesas se aculturaram na sociedade brasileira sem pensar nesses assuntos. Foram as elites que deram origem a uma nova identidade “teuto-brasileira” que, por um lado, mantinha contatos com a Alemanha e, por outro, participava ativamente da vida social e política do Brasil. (SCHULZE, 2017, p. 2).

Entre 1938 e 1940, já reconhecido como âncora na construção da identidade teuto-brasileira, o imóvel foi adquirido, conjuntamente, pelo Sínodo Rio-Grandense, luterano, e pela Sociedade União Popular do RS, católica. Esse fato é notável pois, além de se tratar de uma iniciativa pioneira para salvar um bem cultural, também reflete a força simbólica da Casa, capaz de unir dois grupos religiosos historicamente antagônicos que pretendiam conservar a casa e transformá-la em museu. O impulso para a ação conjunta dos grupos religiosos foi a notícia de que havia intenção de realizar um tombamento em nível nacional. A aquisição pareceu, na época, a forma de salvar a Casa de dois destinos indesejáveis: o seu desaparecimento pela falta de conservação, e a ingerência do Governo federal sobre a mesma. Não parecia aceitável que o governo Vargas, cuja restrição em relação às manifestações da cultura germânica havia causado tanto sofrimento na região, pudesse estabelecer restrições também em relação ao seu maior símbolo.

O processo de tombamento da Casa, iniciado em 1938, foi um dos cem primeiros processos administrativos abertos pelo SPHAN com vistas à proteção de bens culturais como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Brasil, como demonstrou a pesquisa da documentação, realizado no arquivo da Casa de Ruy Barbosa e no Arquivo Noronha Santos do IPHAN. Por volta de 1940, o arquiteto Paulo Thedim Barreto, da equipe técnica do SPHAN no Rio de Janeiro, visitou São Leopoldo, e consta do seu relatório a afirmação que a Casa não possuía valor arquitetônico e que não teria interesse para o SPHAN (Figura 1). No entanto, ressaltou o tema da integração dos imigrantes e seus descendentes, ou seja, da construção da nação, como uma possível justificativa para o reconhecimento nacional (CHUVA, 2009). O processo de tombamento ficou suspenso até o último ano do século XX, quando, então, foi arquivado sem efetivar o ato de proteção (MEIRA, 2008).

A edificação foi construída com técnica tradicional presente na arquitetura luso-brasileira comum em diversas regiões do país: o pau a pique. Na foto é possível visualizar partes deterioradas dos esteios, no prolongamento inferior das janelas, e o baldrame - a viga inferior de madeira sobre as fundações. A construção do anexo, que ficava à esquerda da Casa, já havia desabado nessa época. O jornal *Correio do Povo* (A CASA, 1941), que veiculou a foto, descreveu-a como sendo uma casa velha em péssimo estado de conservação. A empena da edificação principal mostra a utilização da alvenaria de pedra na parede e as marcas da edificação menor que desabou (Figura 2).



Fonte: Autor desconhecido, [ca. 1940]. Acervo Delfos/PUC-RS.

FIGURA 1

Casa da Feitoria por volta de 1940



Fonte: Autor desconhecido, [ca. 1940]. Acervo Delfos/PUC-RS.

FIGURA 2

Empena da edificação remanescente, construída com alvenaria de pedra

Em 1940, por iniciativa do Sínodo luterano, o mais importante arquiteto do estado, o alemão Theo Wiederspahn, realizou uma vistoria no imóvel, elaborou relatório sobre o estado físico da edificação, estabeleceu algumas propostas e fez um orçamento estimativo para execução da obra.⁴ Aparentemente, a ideia era

preservar a Casa e demonstrar que a comunidade podia cuidar bem dela sem a interferência do governo federal.

O imóvel, então, passou à propriedade da Prefeitura Municipal, que se comprometeu a restaurar ou reconstruir (MULLER, 1979). O documento da transferência imobiliária apresenta a declaração, por parte do Sinodo e da União Popular, sobre o imóvel “ora transferido e tombado no serviço do Patrimônio Histórico Nacional, do Ministério da Educação” (A CASA, 1941). A notícia deixa claro que havia um entendimento sobre a efetivação do tombamento, mas, na verdade, o Serviço não havia, ainda, emitido um parecer final. Pretendia-se implantar um museu da colonização e, provisoriamente, destinar um espaço para escola – um programa arquitetônico muito relevante na região, que funcionou na Casa até meados dos anos 1970.

A Casa projetada

Theo Wiederspahn nasceu em Wiesbaden, na Alemanha. Coursou escolas profissionais de construção e executou diversas obras antes de emigrar para o Brasil, em 1908, radicando-se em Porto Alegre (WEIMER, 2009). Desenvolveu centenas de projetos e obras no Rio Grande do Sul e marcou a paisagem urbana das principais cidades do estado.⁵ Em Porto Alegre, destacam-se os principais cartões postais da cidade, como o conjunto da antiga Delegacia Fiscal (hoje Museu de Arte do RS) e da antiga sede dos Correios e Telégrafos, (hoje Memorial do RS), que formavam o pórtico de entrada da cidade para quem chegava de navio pelo Cais do Porto no lago Guaíba. E uma diversidade enorme de programas arquitetônicos: bancos, hotéis, fábricas, escolas, residências, igrejas, edifícios comerciais e de serviço. Muitas obras de sua autoria são tombadas em nível nacional, estadual e municipal.

Segundo Weimer (2009), ele atuou, principalmente, nas primeiras décadas do século XX, e sofreu com o processo de perseguição aos alemães referido anteriormente. Seu escritório foi invadido pela polícia, e uma parte importante do arquivo foi perdida devido à apreensão efetuada. Conforme Bicca (2010), outro tipo de perseguição veio após a Segunda Guerra, com a desconsideração ao seu trabalho por parte dos arquitetos modernistas. Também houve a perseguição dos órgãos de classe por não ter diploma de arquiteto, sendo excluído do mercado profissional e

indo à falência (WEIMER, 2009). A reabilitação ocorreu a partir dos estudos do arquiteto Günter Weimer que, durante anos, pesquisou nos arquivos disponibilizados pela família Wiederspahn. Uma afirmação do pesquisador dá conta de que “Theo era uma pessoa que levava a sua profissão muito a sério, tão a sério que dificilmente poderá ser encontrado algum profissional que levava os conhecimentos adquiridos na academia com tanto rigor para a vida profissional”. (WEIMER, 2009, p. 131).

Meira e Corá (2017) estudaram a proposta de Wiederspahn aplicada na intervenção da Casa, buscando entender como um arquiteto rigoroso e sério em seu trabalho, e que tinha conhecimento do interesse do SPHAN sobre a edificação,⁶ teria transformado uma casa luso-brasileira em uma casa representativa da técnica germânica do enxaimel. Teria sido uma decisão consciente do arquiteto pressionado pelos grupos sociais alemães, no processo de construção da identidade “teuto-brasileira” já referida, ou foi uma avaliação intelectual posterior, surgida a partir do campo da preservação ou da depreciação da obra de Wiederspahn pelos modernistas?

Os *sites* oficiais dos entes públicos mais diretamente relacionados com a Casa – o Museu, que é o proprietário, e o IPHAE, que é o responsável pelo tombamento, reforçam a versão equivocada da transformação da Casa em edificação de enxaimel. O *site* oficial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado - IPHAE (2019?) informa que, em 1982, a edificação foi tombada como “Casa da Feitoria Velha – atual Museu do Imigrante” e acrescenta que foi recuperada pela prefeitura municipal, quando então as características da arquitetura luso-brasileira foram alteradas, e foram “acrescentados elementos da arquitetura germânica, como o enxaimel.”

O *site* oficial do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo (2017), informa que a prefeitura municipal realizou, em 1941, a primeira intervenção “com a germanização do prédio português” e revela a dúvida sobre a sua denominação: “Casa da Feitoria, ou Casa do Imigrante”. No livro sobre os cinquenta anos do Museu, muitas páginas são dedicadas à edificação, e Witt reafirma que “a Casa da Feitoria foi reformada e repaginada, passando de um estilo arquitetônico português para um modelo enxaimel (germânico)”. (WITT. *In*: EGGERS; LINK, 2012, p. 89). Essa versão sobre a introdução do enxaimel foi reproduzida à exaustão até hoje, mas não se identificou o responsável por introduzir esse equívoco.

Se o projeto de Wiederspahn fosse o de construir uma casa em enxaimel, e também por ser muito detalhista, seus projetos de intervenção (foram mais de um), os memoriais descritivos, o rol de materiais e os relatórios teriam denunciado essa intenção. Mas não há uma linha escrita sobre a mudança da técnica construtiva. Além disso, se a intenção fosse cênica, seriam introduzidos os esteios inclinados que, no senso comum, caracterizam o enxaimel.

Essa versão é reforçada pela manifestação do Secretário de Educação e Saúde (1941), endereçada ao Diretor do SPHAN, segundo o qual, a Casa “tendo sua renovação obedecido, fielmente, ao estilo da construção, segundo uma fotografia da época. (...) tornando-se, assim, aquele edifício, que era a base da mística germanófila no Rio Grande do Sul um centro do mais sã nacionalismo”. O secretário não teria afirmado isso se a Casa tivesse se transformado em um enxaimel germânico. Pelo contrário, no processo há referências à “reforma”, à “restauração”, à “reconstrução conforme a situação original”.

Nos documentos consultados sobre o projeto e a obra, Wiederspahn demonstrou preocupação pelo tombamento da Casa e sugeriu entrar em contato com o SPHAN para ter orientação sobre as escolhas possíveis em relação ao projeto de intervenção.⁷ Há menção ao Serviço ao menos em dois momentos importantes, um dos quais a perspectiva final da proposta (Figura 3). Na realidade, Wiederspahn manteve a técnica construtiva original e ressaltou os esteios por meio de uma tinta contrastante. Quanto à imagem da Casa, ele criou uma proposta inovadora, que poderia ser categorizada, no máximo, como um neocolonial.

A autenticidade das obras monumentais, dentre as quais se encontram as obras modestas, é referida no preâmbulo da Carta de Veneza de 1964 que, no entanto, não definiu o conceito (CURY, 2004). A Conferência de Nara sobre autenticidade, remete à responsabilidade dos contextos culturais específicos, em cada tempo e lugar, e destaca a credibilidade das fontes de informação, que devem incluir levantamentos sobre “forma e desenho, materiais e substância, uso e função, tradições e técnicas, localização e espaço, espírito e sentimento, e outros fatores internos e externos”. (CURY, 2004). Comparando-se as fotos da Casa antes e depois da obra, percebe-se que ela representou a concretização das escolhas de Wiederspahn consubstanciadas no projeto do que ele caracterizou, finalmente, como uma reconstrução. Trata-se de uma obra autêntica nesse sentido.



Fonte: Wiederspahn e filho, 1941. Acervo Delfos/PUCRS.

FIGURA 3

A perspectiva do projeto de Theo Wiederspahn

A teoria de Cesare Brandi (2004), ao destacar as instâncias estética e histórica implícitas nas obras de arte, remete a uma crucial avaliação sobre os critérios a serem utilizados na restauração da Casa. Sem dúvida, o maior reconhecimento da Casa (seja da Feitoria Velha, seja do imigrante germânico, seja do primeiro culto, seja de Wiederspahn) deve reconhecer a prevalência da instância histórica sobre a estética.

Para maior precisão quanto à análise da obra executada nos anos 1940, deve-se distinguir duas intervenções. Na edificação maior de pau a pique, com aproximadamente 180 m² (ver Figura 1), foi realizada uma reconstrução a partir dela mesma, que estava íntegra, embora em mau estado de conservação, e utilizando novos materiais. Por exemplo, a parede da empena, que dividia as duas edificações, era de alvenaria de pedra no original (ver Figura 2). No desabamento recente, essa parede ficou à mostra e é visível que foi reconstruída em alvenaria de tijolos pelo arquiteto (Figura 4).

A edificação menor ao lado, com aproximadamente 95 m², havia desabado e foi totalmente reconstruída, tendo por referência as marcas do seu perímetro deixadas no solo e a largura e altura da cumeeira carimbadas na lateral da edificação remanescente. Não se sabe qual a técnica construtiva original, mas o acréscimo seguiu a técnica do pau a pique e a linguagem formal da edificação remanescente.



Fonte: *JornalVS*, São Leopoldo, 2019.

FIGURA 4

O desabamento ocorrido em março de 2019

Cabe ressaltar que autenticidade e originalidade não significam a mesma coisa. Qual a porcentagem da Casa que, após a intervenção de Wiederspahn, permaneceu original? A resposta é quase impossível de precisar. Duas grandes reformas foram realizadas posteriormente. Em 1984, possivelmente de março a julho, foi realizada uma reforma para integrar a Casa às comemorações dos 160 anos da imigração alemã. Outra reforma ainda maior, que durou um ano e meio, finalizou no segundo semestre de 1999. Um ano e meio para reformar duas edificações que, juntas, perfazem pouco mais de 250 m², é muito tempo, o que faz pensar que a obra foi substancial. Até o momento, não foi encontrada documentação sobre os critérios e as escolhas por parte dos técnicos que realizaram essa obra. Diante de tantas intervenções substanciais, quais os critérios que devem nortear o próximo projeto e a partir de quais premissas?

280

A Casa ressignificada

As referências à Casa, ao longo do tempo, se alternaram: Casa da Feitoria Velha, do Imigrante, do Colono Alemão, Museu do Imigrante e trazem consigo diferentes narrativas sobre o lugar. (MEIRA; SILVA, 2017). A Casa relacionada aos

Novamente a Casa caiu: critérios de intervenção e narrativas sobre o uso da Casa da Feitoria

imigrantes alemães se sobrepõe na mídia e nas representações no senso comum. A sua ambientação como uma residência, especialmente após a reforma dos anos 1990, reforçam essa imagem – do aconchego do lar. E se sobrepõe ao fato de ter sido um espaço de trabalho – de feitores e de pessoas escravizadas. Follmann e Pinheiro (Apud. Silva, 2017) criticam a prevalência da história da imigração alemã sobre a história dos negros quando se trata da Casa.

Contudo, segundo Ortiz (1994), a identidade é uma construção simbólica e não cabe juízo de valor sobre sua autenticidade ou falsidade, ou seja, não é possível eleger uma identidade como sendo autêntica. Deve-se sim considerar uma diversidade de identidades representativas de variados grupos da sociedade, o que se aplica perfeitamente ao caso. A Casa contém, no sul, marcas da trajetória da Colônia ao Império; da feitoria, dos feitores e dos africanos escravizados; da acolhida aos alemães recém-chegados; da superação de antagonismos históricos entre as igrejas católica e luterana.

Na reportagem de jornal que relatou as festividades do centenário, já referida anteriormente, consta que a Prefeitura Municipal visava adquirir o imóvel para conservá-lo como relíquia histórica (O CENTENÁRIO, 1924). O termo relíquia remete à ideia de culto. O entendimento sobre o culto aos monumentos teve em Alöis Riegl (1984) as suas primeiras considerações teóricas. O autor percebeu que os valores atribuídos por um determinado grupo social aos seus monumentos artísticos e históricos se modificavam com o tempo. Compreendeu que o conceito não era objetivo, pois “não é a sua destinação original que confere a essas obras a significação de monumentos; somos nós, sujeitos modernos, que lhe atribuímos a mesma” (RIEGL, 1984, p. 43). Isso se aplica perfeitamente ao caso da antiga sede da Feitoria Velha, capaz de abarcar memórias desde os portugueses e alemães aos brasileiros, dos escravizados aos homens livres, das histórias do trabalho ao cotidiano do abrigo, do antagonismo religioso à união por uma causa simbólica.

A Casa se encontra em péssimo estado físico, apresentando risco de desabamento inclusive da parte que ainda resta. Avaliar os diversos valores que podem ser atribuídos à edificação no estado em que se encontra pode auxiliar nas iniciativas pela sua conservação e agregar diferentes grupos ao seu redor.

Uma construção de enxaimel

O enxaimel é uma técnica construtiva e não um estilo e, em alemão, chama-se *fachwerk*. Trata-se uma estrutura com caibros de madeira encaixados nas direções horizontal e vertical e com peças inclinadas para formar o contraventamento, que foi muito utilizada nas áreas de imigração alemã no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Posteriormente os vãos entre os caibros eram preenchidos com barro, com alvenaria de tijolos ou pedras. Técnicas semelhantes encontravam-se em muitos países: *timber framing*, na Inglaterra, nas casas francesas *à colombage*, nas gaiolas de madeira com vistas a estruturar edificações presentes em muitos lugares (WITTMANN, 2016). Corona e Lemos (2017, p. 189), em seu *Dicionário*, definem enxaimel como o nome “que em Portugal se dava às paredes internas de divisão de taipa de sebe ou aos frontais de alvenaria miúda. O mesmo que enchemez, frontal à galega e parede francesa. (...) No Nordeste Brasileiro, nos mucambos de taipa de mão, a palavra é sinônima de esteio.” Ou seja, no universo da arquitetura mundial e na brasileira, o enxaimel não é reconhecido como uma técnica exclusivamente germânica.

O arquiteto Günter Weimer (1983), que é o maior estudioso da arquitetura da imigração alemã no estado, sustenta que o enxaimel alemão se distingue da técnica portuguesa. Na técnica germânica, as bases dos elementos verticais se ligam aos baldrames que se apoiam em alicerces de pedra para evitar umidade. Os intervalos entre os elementos estruturais são menores e há esteios intermediários além das ombreiras, bem como peças horizontais menores e peças inclinadas intermediárias, que conferem uma imagem característica. Na técnica construtiva portuguesa, as bases dos esteios e cunhais enterradas constituem as fundações e os intervalos entre os elementos estruturais são grandes.

A Casa luso-brasileira

Mas essa descrição não confere com o que se observa na Casa luso-brasileira retratada na Figura 1, na qual é claramente perceptível o baldrame inferior apoiado sobre a base de pedra. Moraes (Apud. WEIMER, 2005, p. 117) entende que “Sua reconstrução [da Casa da Feitoria], em 1940, obedeceu ao estilo primitivo, mantendo, à mostra, as traves, embora sem necessidade”, ou seja, ele considera

que Wiederspahn teria mantido a imagem luso-brasileira da Casa. No entanto, Weimer (2005) contesta e reafirma que Theo Wiederspahn construiu uma cenografia. Conforme Meira e Silva (2017), pelo contrário, a intenção expressa por Wiederspahn foi a de se aproximar o máximo possível à imagem da Casa luso-brasileira, como pode ser percebido em um de seus relatos: “Para conseguir-se o aspecto original do prédio, tomou-se em consideração o reerguimento de um prédio demolido do lado esquerdo. Provavelmente conseguir-se-á alguns dados a respeito. Os alicerces ainda existentes darão indícios nesse sentido”. (Wiederspahn, [1941?], p. 5). Porém, essas soluções pensadas pelo arquiteto talvez tenham sido em grande parte modificadas, posteriormente, pelas reformas realizadas.

É provável que a verdadeira demonização sobre a obra de Wiederspahn possa ter surgido do ressentimento da nova geração de arquitetos modernistas, que rejeitavam o ecletismo do qual ele foi o maior expoente no estado. Segundo Meira e Silva, após observadas as evidências da documentação e da obra realizada na Casa *in loco*, esse entendimento teria de ser revisto. Mas isso foi em 2017. Hoje, uma parte considerável da Casa de Wiederspahn (tenha ou não tenha sido modificada pelas reformas posteriores) não existe mais.

Considerações finais sobre a Casa arruinada

A Casa de Wiederspahn antes do último desabamento era uma versão da edificação original, em que a austeridade foi superada pela introdução de cor nos elementos estruturais. Não era mais a Casa da Feitoria e nem o barracão que abrigou os imigrantes. Tratava-se de uma autêntica obra do arquiteto. Mas não se deve fazer uma crítica extemporânea a ele pois, em 1940, ainda não havia uma discussão sobre critérios de intervenção no Brasil. O próprio SPHAN ainda estava iniciando sua trajetória no campo da preservação.

Hoje, depois de quase 80 anos, retorna-se à situação registrada na foto inicial (ver Figura 1). Com o desabamento ocorrido, não cabe refazer o que já foi feito uma vez. Uma nova intervenção com linguagem arquitetônica contemporânea e novos materiais deve orientar o projeto a seguir. A teoria de Cesare Brandi pode auxiliar a compreender conceitualmente a situação criada, como já foi dito, reconhecendo a prevalência da instância histórica sobre a estética. Esse é um ponto de partida fundamental para elaboração do novo projeto.

Não se trata mais da Casa da Feitoria Velha, nem da Casa dos Colonos alemães, mas de uma parte que possivelmente restou da Casa idealizada por Theo Wiederspahn e, também, das reformas que foram realizadas depois. Além do caminho a seguir em termos de critérios, há necessidade de aperfeiçoar o método, realizando uma profunda pesquisa histórica e arqueológica visando a encontrar os indícios da ocupação da Casa da Feitoria e do barracão. Também estudar pormenorizadamente os elementos e os materiais remanescentes, buscando precisar melhor suas datações e possibilidade de aproveitamento dos elementos autênticos das diferentes etapas. E que também leve em consideração, por questões práticas, uma cultura lamentável que é a falta de manutenção das edificações históricas por parte de seus proprietários, que já levou a Casa ao colapso por duas vezes.

Por fim, é necessário discutir o uso da Casa, que longe de ser uma tipologia residencial teuto-brasileira, deveria mostrar a singular diversidade impregnada naquele lugar, que congrega africanos, europeus e brasileiros, homens e mulheres escravizados e livres, seus objetos de trabalho, de culto e de vida, seus direitos civis. E também mesclá-los com as comunidades que já viviam em seu território, como os indígenas, e as que vieram viver posteriormente, como os religiosos jesuítas e suas escolas, os militares e seus quartéis, os trabalhadores e os empresários e suas indústrias - histórias que não deveriam ser excludentes e que a Casa ajuda a reunir. Com essa visão, talvez se possa retomar a união do improvável que ocorreu nos anos 1940, representada pelo apoio a quem quer que seja, para salvar da destruição uma Casa que é de todos. E retomar, também, o processo de tombamento em nível nacional, pois com uma história tão rica, complexa e diversa, representativa de tantos períodos da vida nacional, e de tantos grupos sociais, a Casa merece se tornar Patrimônio Histórico e Artístico Nacional para as atuais e para as futuras gerações.

AGRADECIMENTOS

A autora agradece ao professor arquiteto Leonardo Corá pelas contribuições a este artigo.

NOTAS

1. O SPHAN teve esta denominação entre 1937 a 1946. De 1946 a 1970 foi Diretoria (DPHAN) e depois teve outras denominações. Desde 1994 foi instituído como Instituto, com a sigla IPHAN (PESSÔA, 1999). O SPHAN foi criado na estrutura do Ministério da Educação e Saúde Pública em janeiro de 1937.
2. Período que se estende de 1937 a 1945, sob a presidência do gaúcho Getúlio Vargas.
3. A Alemanha não estava, ainda, unificada, quando a imigração para o Brasil iniciou oficialmente. Contudo, no senso comum, faz-se referência à imigração alemã e não à imigração germânica, razão pela qual adotaremos aqui a primeira denominação.
4. A documentação do escritório de Theo Wiederspahn se encontra abrigada no Espaço de Documentação e Memória Cultural - Delfos da Pontifícia Universidade Católica (PUCRS). Sobre a Casa da Feitoria Velha, além das plantas com o projeto arquitetônico, há relatórios, fotos e detalhados orçamentos para execução da obra. O Museu Histórico de São Leopoldo possui uma parte dessa documentação.
5. Segundo levantamento de Günter Weimer (2009), Wiederspahn desenvolveu 635 projetos em sua vida profissional no Brasil, sem contar os projetos na Alemanha, o que é uma cifra impressionante.
6. Aparentemente, os proprietários não foram esclarecidos que o imóvel não tinha sido inscrito no Livro-Tombo e, portanto, ainda não estava tombado na época. Wiederspahn, no entanto, refere-se ao tombamento como um pressuposto que deveria ser levado em conta no projeto.
7. A documentação sobre o projeto se encontra sob guarda do Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultural da Pontifícia Universidade Católica do RS e alguns documentos sobre a execução da obra existentes no Museu Histórico de São Leopoldo.

REFERÊNCIAS

- A CASA da Feitoria transformada em museu colonial. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 6 jan. 1941.
- BICCA, Paulo. Arquiteto Theo Wiederspahn: um eclético no sul do Brasil. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 45, n. 4, p. 48-53, 2010.
- BRANDI, Cesare. *Teoria da restauração*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.
- BRASIL. *Decreto-Lei n° 25, de 30 de novembro de 1937*. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Rio de Janeiro, DF: Presidência da República, 1937. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0025.htm. Acesso em: 20 jan. 2019.
- CASA da Feitoria, ou Casa do Imigrante. In: MUSEU Histórico Visconde de São Leopoldo. São Leopoldo, [2017?]. Disponível em: <http://www.museuhistoricosl.com.br/mostraconteudo.cfm?id=casaDoImigrante&atalhos=atalhosMenuInst>. Acesso: 26 jul. 2017.
- CASA da Feitoria. In: IPHAE. Porto Alegre, [2019?]. Disponível em: <http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=15706>. Acesso em: 29 mar. 2019.

CHUVA, Márcia Regina R. *Os arquitetos da memória: a construção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Brasil, anos 30 e 40*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009.

CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos. 2. ed. *Dicionário da arquitetura brasileira*. São Paulo: R. Guerra Ed., 2017.

CURY, Isabelle. *Cartas patrimoniais*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

EGGERS, José Carlos; LINK, Márcio (org). *Museu Histórico de São Leopoldo: 50 anos de história*. Novo Hamburgo: Um Cultural, 2012.

JOHANN, Renata Finkler. *Na trama dos escravos de Sua Majestade: o batismo e as redes de compadrio dos cativos da Real Feitoria do Linho Cânhamo (1788-1798)*. Porto Alegre, 2010. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MEIRA, Ana Lúcia G. *O Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Rio Grande do Sul no século XX: atribuição de valores e critérios de intervenção*. Porto Alegre, 2008. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MEIRA, A. L. G.; SILVA, L. A. C. A preservação da casa do colono alemão em São Leopoldo: germânica ou nacional? In: ARQUIMEMÓRIA: ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO, 5., 2017, Salvador (BA). *Anais...* Salvador: IAB-BA, 2017. p. E2_045.

MÜLLER, Thelmo Lauro. Casa da Feitoria Velha. In: MÜLLER, Thelmo Lauro. *Monumentos em São Leopoldo*. São Leopoldo: Rotermond, 1979, p. 71-74.

O CENTENÁRIO da colonização alemã. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26 jul. 1924.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PEREIRA, E. M. *Trajetória e memória de Henrique Luiz Roessler: um protetor da natureza no Rio Grande do Sul*. 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/32812>. Acesso em: 28 abr. 2019.

PESSÔA, José. *Lucio Costa: documentos de trabalho*. Rio de Janeiro, 1999.

RIEGL, Alois. *Le culte moderne des monuments*. Paris: Seuil, 1984.

SECRETÁRIO de Educação e Saúde. *[Ofício]*. Destinatário: Rodrigo Melo Franco de Andrade. Porto Alegre, 29 jul. 1941.

SCHULZE, Frederik. À procura de um fantasma. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. 2017. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160418235620/http://rhbn.com.br/secao/capa/a-procura-de-um-fantasma>. Acesso em 10 mar. 2019.

SILVA, Leonardo A. Corá. *O centro histórico de São Leopoldo e a paisagem cultural: reflexões sobre um conceito de preservação aplicado a uma cidade de porte médio*. São Leopoldo, 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade do Rio dos Sinos.

TANNO, Janete L. Patrimônio cultural dos afrodescendentes: preservação, memória e recepção. *Patrimônio e Memória*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 31-48, 2018.

WEBER, Roswithia. O Museu. In: EGGERS, José Carlos; LINCK, Márcio (coord.). *Museu Histórico Visconde de São Leopoldo: 50 anos de história*. Novo Hamburgo: Um Cultural, 2012, p.17-23.

WEIMER, Günter. *Arquitetura popular da imigração alemã*. 2.ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2005.

WEIMER, Günter. *Theo Wiederspahn: Arquiteto*. Porto Alegre: Ed. PUCRS, 2009.

WIEDERSPAHN, Theo. Reconstrução das casas antigas em Feitoria Nova. [Documento datilografado]. Porto Alegre, [1941?]. Acervo Delfos, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

WITTMANN, Angelita. 2016. Fachwerk, a técnica construtiva enxaimel. In: *Vitruvius*. São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/16.187/6131>. Acesso em: 16 jul. 2017.

Ana Lúcia Goelzer Meira é Professora do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Doutora e Mestre em Planejamento Urbano e Regional e também Bacharela em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Como citar:

MEIRA, Ana Lúcia Goelzer. Novamente a Casa caiu: critérios de intervenção e narrativas sobre o uso da Casa da Feitoria. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 16, n. 1, p. 270-287, jan./jun. 2020. Disponível em: pem.assis.unesp.br.